

TEXTOS DE APRESENTAÇÃO DOS ASSESSORES

1) Cultura, colonização e descolonização. Racismo e cultura. Cultura, império e colonização. Diálogo e praxis intercultural.

Dr. *Nélson Maldonado Torres*, doutor em filosofia e ciências de la religião, prof. de pós-graduação no Instituto de Estudos Culturais e Étnicos de la Universidade de Berkeley, California, EE.UU.

“Este curso serve de introdução aos conceitos de colonialidade (do poder, conhecer, ser, gênero e de estética), da mesma maneira que a descolonialidade destas áreas da existência social e da experiência subjetiva. Também se explorará o conceito fanoniano de “*sócio-gênese*” e reflexões críticas a respeito da América Latina, e do atual processo de globalização neoliberal e seu acompanhante processo de neo-apartheid a níveis específicos de estado-nação e a nível global. Se dará atenção também a atual chamada “*crise da universalidade*”, relacionada ao processo de neoliberalização da economia e ao incremento de povoações não desejadas no Norte e em cidades do Sul. Leituras de autores como Franz Fanon, e Catherine Walsh proverão material para nossa reflexão. Os alunos estão convidados a identificar e introduzir figuras que avançam o pensamento de descolonização em suas respectivas regiões ou localidades”.

2) *A Invenção Patriarcal da realidade e outras invenções contemporâneas.*

Dra. Ivone Gebara, teóloga feminista, doutora em Filosofia e Ciências da Religião.

“Antes de refletir de forma direta a problemática da invenção patriarcal da realidade o curso se propõe a tentar entender algo de nossa capacidade de inventar a realidade em que vivemos.

Nossa condição evolutiva nos convida a estarmos continuamente lidando com a organização e a reorganização de nossa vida e de seus sentidos. Por isso podemos dizer que inventamos e modificamos a realidade. Não só inventamos coisas a partir do que existe, mas inventamos significados, orientações, utopias. Inventar é criar, recriar, reunir, relacionar, dissociar, compor, alterar e modificar continuamente as coisas que constituem a nossa vida. É também iludir-se e iludir outros sobre o que foi visto ou sobre o que é esperado. Por isso muitas vezes aproximamos a palavra invenção ou o verbo inventar de algo fantasioso, próximo da mentira. Nessa reflexão, tomaremos, sobretudo, o verbo inventar e o substantivo invenção, como formas de organizarmos nosso mundo real ou imaginário, pessoal e social. Tal capacidade indica um movimento em nós que nos leva a estar sempre nos ajustando às necessidades em vista de nossa sobrevivência em sentido amplo. A cada novo desafio e a cada nova situação que nossa consciência nos apresenta modificamos nossa maneira de nos situar no mundo em que vivemos.

Inventar a realidade é simplesmente estar continuamente em situação de criar a nossa vida, de mantê-la, protegê-la e significar-la.

Quando usamos a palavra realidade queremos nos referir em primeiro lugar à nossa realidade pessoal, isto é, a esta vida imediata que é a nossa com suas múltiplas circunstâncias e envolvimento. Muito embora o real seja maior do que aquilo que percebemos dele ou de nosso discurso sobre ele, temos a tendência de reconhecê-lo a partir de nossa experiência imediata. A realidade é essa materialidade que nos constitui com todos

os mitos, ritos, sonhos e fantasias que se penduram nela. Ela é em primeiro lugar o entorno físico e simbólico de nossa sobrevivência corpórea e a partir daí vai se complexificando nas múltiplas relações sociais.

O mundo hierárquico patriarcal foi também uma criação gradativa e coletiva dos diferentes grupos humanos. Foi se impondo gradativamente respondendo a necessidades e conflitos dos diferentes momentos de nossa história. Criou instituições, valores e sonhos; delimitou poderes, inventou instrumentos para facilitar a vida diária, criou heróis, ritos e sistemas de proteção, de ajuda, assim como de controle e de repressão de muitos tipos. Cada invenção da realidade tem suas necessidades, seus limites e contradições. Por isso, aplicar o termo científico com o significado de verdadeiro a uma forma de invenção da realidade é pelo menos impróprio e inoportuno. No século XIX e XX algumas interpretações da realidade social se pretenderam científicas ou determinantes na história como, por exemplo, o positivismo e o marxismo. Mas, ao longo dos tempos se foi verificando que embora os grupos humanos continuem pensando isto ou aquilo as previsões sobre o rumo da história sempre nos surpreendem.

Como criadores de sentidos criamos também nossas crenças religiosas e construímos instituições culturais em torno delas. Dentre essas criações estão o teísmo, o monoteísmo e mesmo o ateísmo. Nossas criações religiosas e mesmo agnósticas e atéias sustentaram a história de vários grupos humanos com todos os componentes trágicos que a caracterizam, além de, muitas vezes, conflitarem umas com as outras. Nesse particular quero abordar de maneira especial, o surgimento da consciência humana da mortalidade e todos os “bordados” que tecemos em torno dela. Descobrir-nos como viventes mortais, tendo consciência clara dessa mortalidade significou um salto qualitativo e ao mesmo tempo trágico no desenvolvimento do animal humano. A experiência da angústia passou a ser um componente importante de nossa existência. Esta descoberta teve conseqüências enormes na própria organização da convivência humana. A partir desse surgimento outros tantos foram aparecendo e se impondo. Por exemplo, os privilégios devidos à condição de classe, etnia, sexo, orientação sexual, idade e outros foram marcando a contínua necessidade de reorganizar o conjunto de nossa vida.

O sistema hierárquico patriarcal foi uma de nossas invenções que certamente veio depois de outras formas de organização menos hierarquizadas e talvez mais dispersas ou nômades. Nesse sistema o teísmo também foi uma criação necessária para sustentar as necessidades emergentes. Era um teísmo hierarquizado que de certa forma correspondia à própria organização das diferentes sociedades. Nele também situamos o Cristianismo nas suas diferentes expressões no interior de sua própria evolução histórica.

Hoje estamos vivendo fraturas culturais, sociais, políticas e religiosas importantes em relação a todas essas construções que se impuseram durante séculos de forma quase hegemônica embora diversificada nos diferentes grupos humanos. A sustentação de nosso mundo de sentidos e nele de nossas lutas sociais por justiça nas relações humanas vem sendo desafiada por novas invenções desta vez marcadamente tecnológicas. Aqui há também inúmeros problemas que precisamos enfrentar.

As invenções de sentido e nelas se incluem as invenções dos significados religiosos da vida parecem não ter avançado tanto quanto à tecnologia e a ciência. O mundo da religião está defasado em relação aos outros sistemas de organização. Usa uma linguagem de certa forma alheia ao curso do mundo atual acreditando assim poder influir nele. Este é um dos desafios que a História contemporânea nos lança, sobretudo a nós que ainda acreditamos nos diferentes tipos de humanismos que surgiram ao longo da história humana

para contrabalançar os excessos de violência e usurpação de poderes e direitos que nos caracterizaram e caracterizam.

Depois de uma introdução filosófica e teológica à problemática em questão, tentarei num primeiro momento delinear algumas linhas de força que têm se mostrado na história atual de nossas culturas. *O pensamento crítico feminista* foi sem dúvida uma das grandes contribuições para reorganizar não só as nossas relações, mas a forma de compreender a vida humana.

Num segundo momento tentarei refletir sobre as possíveis reinterpretações das sabedorias do passado em vista dos grandes problemas do presente. Estas seriam algumas de nossas novas invenções da realidade, invenções que guardam os desafios do presente e algo das sabedorias do passado.

O esquema provisório proposto será:

- 1) A distinção entre a realidade e a invenção da realidade
- 2) A invenção dualista do mundo
- 3) A invenção feminista do mundo
- 4) A invenção tecnológica contemporânea
- 5) O diálogo entre as invenções e a busca da justiça e da paz

A cada passo de nossa reflexão abriremos a possibilidade de diálogo e a possibilidade de enriquecer as apresentações com o aporte e a experiência dos participantes. Uma bibliografia será fornecida na ocasião.

Sugerimos que os participantes do curso façam uma pesquisa pessoal em relação às idéias propostas para que nosso estudo seja bastante rico e interessante.

3) A descolonização da cultura cristã e o cristianismo de libertação.

A partir do século III, desde que o imperador Constantino abriu ao cristianismo as portas do palácio imperial, tirando-o das catacumbas da profecia, o cristianismo realiza uma operação extraordinária, para justificar a sua primacia, para traduzir o exercício do poder imperial num instrumento da providência de seu Deus único, para salvar a humanidade inteira. Foi assim que a mensagem evangélica foi se transformando numa teologia refinada, que assume o pensamento filosófico grego, feita por uma elite religiosa de especialistas, e imposta desde o poder, pela espada e que servia de cobertura espiritual a uma política de conquista, opressão e odiosos anátemas.

Começava a nascer uma Europa cristã, mítica e messiânica, a cristandade, que se considerava depositária da verdadeira civilização, superior a todas as outras regiões do mundo. Se apresentava como uma cultura de valores universais que pretendia fazer de seu fragmento a medida do todo.

No século XVI quando começou a conquista e a colonização da América Latina, do Caribe e mais tarde da África, esse foi o cristianismo que por um certo período ofereceu aos conquistadores do império cristão europeu a ideologia portante. Uma das primeiras ordens de Cristóvão Colombo foi: "Plantem cruces em todas as encruzilhadas dos caminhos".

Dr. Néstor Míguez, doutor em teologia e Bíblia, prof. de pos-graduação no ISEDET, Buenos Aires, Argentina.

“ O cristianismo teve uma influencia significativa na construção da mentalidade colonial. Assim como acompanhou a conquista colonial imperial, unindo a cruz e a espada, também e fundamentalmente proveio a racionalidade e a simbólica da colonização das mentes, da submissão das culturas conquistadas, da destruição de identidades. Os efeitos deste cativo do próprio desejo e das estruturas de pensamento foi justificar o poder nas mãos do conquistador.

A colonialidade havia se instaurado na subjetividade, criando uma subjetividade colonizada. Isto permitiu que depois de cessar o domínio militar directo continuar o domínio cultural, político e econômico. Entretanto, este controle nunca foi completo, e sempre está aninhado, nas profundezas dos povos, um sentido de resistência, uma vontade emancipatória que por vezes tem sido mais forte e visível e outras há ficado oculta pela repressão das forças hegemônicas.

No próprio seio da fé cristã existe esta tensão. Por um lado há uma matriz libertária apoiada na pregação e prática de Jesus e seus primeiros apóstolos, que surge da idéia de uma imediata erupção da justiça divina. Por outro lado, ocorreu a posterior adaptação a uma realidade imperial, sua crescente aceitação dos arbítrios do poder, que terminaram aplicando-se também ao interior da Igreja. Assim, por um lado temos uma mensagem profética de resistência e antecipação, que anuncia a plenitude da vida humana e se compromete com a busca de liberdade e justiça e frente a ele a persistência de Igrejas e práticas que reforçam a empresa colonial de múltiplas maneiras.

Nossos povos, nos quais os símbolos cristãos tem sido incorporados a cultura, por vontade ou pela força, têm descoberto esta tensão, e podem resgatar essa vontade de independência e de construção solidária no amor, o desejo de habitar com outros em mútuo respeito e dignidade. Mas para isso deverá identificar e desconstruir o peso do colonialismo que subsiste e pesa, cria julgamentos e desqualifica a nós mesmos e a outros.”

A apresentação do assessor Jung Mo Sung sera enviada mais adiante